

Sociabilidade Literária: Uma Proposta de Leitura Sob a Perspectiva das Metodologias Ativas de Ensino

Literary Sociability: A Reading Proposal From the Perspective of Active Teaching Methodologies

Sirlei da Silva Fontoura

Mestre em Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste

Coordenadora, Escola Assunção de Nossa Senhora, Guarapuava, PR, Brasil

 sirleifontoura@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3843-7721>

 <https://doi.org/10.29327/2206789.19.32-2>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

O presente trabalho objetiva propor uma reflexão sobre as contribuições das metodologias ativas de ensino no trabalho com os textos literários, bem como acerca do papel do professor mediador neste processo, a fim de se viabilizar a sociabilidade literária, um espaço social para a leitura da literatura. Tal reflexão incide sobre o uso das metodologias ativas de ensino a partir de uma proposta de intervenção significativa na leitura dos alunos, com estratégias que podem ser aplicadas em sala de aula, com uma turma da 3ª série do Ensino Médio. Demonstrando as estratégias de metodologias ativas, serão apresentadas três propostas de atividades de leitura, a partir de três relatos breves da obra “O livro dos abraços”, do escritor Eduardo Galeano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, à luz de autores como Camargo e Daros (2018), Bacich e Moran (2018), Mello et al. (2018).

Palavras-chave: metodologias ativas; leitura literária; sociabilidade literária

Abstract

The present work intends to propose a reflection on the contributions of active teaching methodologies in working with literary texts, as well as on the role of the mediating teacher in this process, to make viable a literary sociability, a social space for reading of literature. This reflection focuses on the active teaching methodologies use from a proposal of significant intervention in students reading, with strategies that could be applied in the classroom with a group in the 3rd year of high school. Three proposals for reading activities will be presented to demonstrate the strategies of active methodologies based on three brief reports from “O livro dos abraços” by Eduardo Galeano. It is qualitative research supported by authors such as Camargo and Daros (2018), Bacich and Moran (2018), Mello et al. (2018).

Keywords: active methodologies; literary reading; literary sociability

Recebido em 11/12/2022

Aceito em 25/01/2023

Publicado em 31/03/2023

Introdução

A leitura, ato fundamental para a vida social, é uma prática emancipadora, capaz de libertar o homem das amarras da ignorância, do senso comum dominante, da alienação, dando-lhe o poder por meio do saber. Nesse sentido, percebe-se a importância de se trabalhar a atividade leitora de forma efetiva nas escolas, em especial, na perspectiva deste texto, da leitura literária. Estamos diante de um grande desafio, considerando que o Brasil é um país que ainda não conseguiu universalizar a leitura, cabendo à escola, na maioria das vezes, a tarefa de oferecer aos alunos o contato com os livros.

Entretanto, para que a literatura não seja considerada uma atividade solitária, sem propósito e prazer, a escola precisa desempenhar suas funções sociais, dentre as quais está a contemplação do aspecto formativo do aluno por meio dos trabalhos realizados dinamicamente com os textos literários. A relevância deste trabalho está em refletir sobre o ensino da literatura nas escolas, em especial ao papel do professor na formação de um leitor proficiente capaz de ter autonomia e senso crítico perante a sociedade. Trata-se de refletir o ensino da literatura como processo humanizador e emancipador.

Defende-se, portanto, que as metodologias ativas representam uma alternativa pedagógica capaz de colocar o aluno como protagonista. Em atividades interativas com outros alunos, mediadas pelo professor, o aluno aprende e se desenvolve de modo colaborativo. Isso porque, ao utilizar estratégias pedagógicas calcadas nesse método, os alunos aprendem por meio de suas experiências de vida, partindo de sua realidade por meio da problematização, do questionamento e do fazer pensar, ideia contrária à ideia de memorização e à de reprodução de conhecimento. O principal objetivo desse modelo de ensino é incentivar os discentes a desenvolverem a capacidade de aprender os conteúdos de forma autônoma e participativa.

Nesse sentido, objetiva-se, no presente artigo, apresentar as metodologias ativas de ensino e como essa tendência pode contribuir para o incentivo da leitura literária, por meio da apresentação de estratégias de leitura para as aulas de Literatura no ensino presencial de uma turma de 3ª série (Ensino Médio). Objetiva-se, também, refletir acerca do papel do professor mediador neste processo, a fim de se viabilizar a sociabilidade literária, um espaço social para a literatura.

Para tal, propõe-se trabalhar com três relatos breves da obra “O livro dos abraços”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, a saber: “Os ninguéns”, “O medo”, “A televisão 1”. Para cada relato, propõe-se a aplicação de uma estratégia de metodologia ativa diferente, tais como: aprendizagem em espiral, *brainwrating* e debate dois, quatro e todos.

A abordagem dessas questões será feita à luz de autores como Mello et al. (2018), Camargo e Daros (2018), Bacich e Moran (2018).

Metodologias Ativas e o Ensino de Literatura

Diariamente, enfrentamos desafios complexos nos campos pessoal, profissional e social e tais desafios ampliam a nossa percepção de mundo, o nosso conhecimento e as nossas competências para fazer escolhas mais assertivas e libertadoras. Neste processo, aprendemos quando alguém mais experiente nos fala e, principalmente, quando nos envolvemos de forma direta por meio de questionamentos e experimentação, resultando em uma compreensão mais ampla, profunda e significativa.

No ambiente escolar não é diferente. Até há alguns anos, fazia muito sentido que o professor, primeiro, transmitisse a teoria e, depois, o aluno a aplicasse em situações mais específicas. Hoje, é mais relevante aprender por meio de questionamentos, troca de experiências para uma compreensão mais ampla e profunda. Quando o professor fala menos e orienta mais, o aluno participa de forma ativa e a aprendizagem é mais significativa (Dolan & Collins, 2015 como citado em Bacich & Moran, 2018).

Nessa perspectiva, tem-se a necessidade de criar condições para uma participação mais ativa dos alunos. Isso implica, portanto, a mudança da prática do professor e o desenvolvimento de atividades que visem a um aprendizado mais interativo e ligado às situações reais, com metodologias que maximizem o potencial de aprendizagem do aluno. Assim, as metodologias ativas de aprendizagem se apresentam como uma alternativa potente para atender às demandas da educação atual, pois estas colocam o aluno no centro, como protagonista. O professor, por sua vez, assume um papel de orientador, de mediador, que guia a aula e, ao mesmo tempo, que possibilita a participação dos estudantes e a construção do conhecimento de modo colaborativo. Alicerçadas na autonomia e no protagonismo do aluno, as metodologias ativas de aprendizagem proporcionam, segundo Camargo e Daros (2018, p.46)

desenvolvimento efetivo de competências para a vida profissional e pessoal; visão transdisciplinar do conhecimento; visão empreendedora; o protagonismo do aluno, colocando-o como sujeito da aprendizagem; o desenvolvimento de nova postura do professor, agora como facilitador, mediador; a geração de ideias e de conhecimento e a reflexão, em vez de memorização e reprodução de conhecimento.

Temos, pois, as metodologias ativas com o propósito de adequar o ensino, considerando aqui todas as áreas do saber, às necessidades acima expostas, podendo até mesmo ser exploradas para incentivar a leitura literária, tão importante para a formação e o desenvolvimento dos alunos.

O ensino da literatura nas escolas está tangenciado por uma crise ocasionada pelas estratégias inadequadas de trabalho. Quando se faz uso de métodos de ensino tradicionais, o professor acaba desenvolvendo um trabalho que não causa prazer no aluno, quem, por sua vez, acaba desenvolvendo as atividades por mera obrigação. Nas aulas de literatura, é comum o uso do texto literário para estudar aspectos gramaticais ou análise do enredo, espaço, tempo, personagens e narrador. Estes últimos aspectos são de suma importância no trabalho com o texto literário, afinal, caracterizam-no, mas a forma como o professor aborda essas questões resulta em um trabalho mecânico. Esse roteiro estrutural, condenado a cercear a criatividade ou podar o prazer da leitura, acaba se transformando em uma atividade frustrante tanto para o professor quanto para o aluno.

A abordagem dos textos literários não pode ocorrer de forma aleatória, uma vez que cabe ao professor buscar alternativas para que haja o desenvolvimento da leitura fruidora, ou seja, oportunizar ao aluno a imersão no texto para que ele possa expandi-lo, alargar suas significações. Assim, o aluno não é considerado um mero decodificador de palavras, mas sim aquele que está em conflito com o texto, que deseja compreendê-lo e tem a liberdade de concordar e discordar, de atribuir sentidos conforme sua carga de experiência humana e, também, intelectual. Um trabalho como esse precisa ser estimulado, não imposto como ocorre na prática tradicional, pois nenhum professor tem o poder de ensinar um aluno a ler, mas sim, o de despertar nele o interesse pela leitura por meio de um trabalho que enfatize o texto literário, o qual deve ser o objeto principal das aulas de literatura, pois além de proporcionar experiência estética, torna o leitor mais crítico levando-o à reflexão. A construção de sentidos ocorre e o leitor terá a oportunidade de participar ativamente do processo literário, pois trará suas impressões, suas experiências de leitura e seus conhecimentos.

Para que a literatura conquiste um lugar de prestígio nas escolas e cumpra sua função humanizadora, é necessário mudar os métodos e as estratégias de trabalho. E é nessa direção que as metodologias ativas de ensino podem cumprir o seu papel.

O Professor Mediador e a Sociabilidade Literária

Na formação humana, a prática educativa possui um papel importante, devido a sua essência formadora, de natureza ética, por ser uma prática especificamente humana (Freire, 2015). Nesse contexto, há uma estreita relação entre os saberes docentes e a formação humana. Segundo Freire (2015, p.29),

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor de frases e de idéias inertes do que um desafiador.

Ensinar o aluno a pensar não é se valer da transmissão de conteúdos de forma vertical: professor fala, aluno escuta e aplica o que aprendeu e, de forma passiva, desenvolve as tarefas aplicadas. Ensinar o aluno a pensar é proporcionar momentos de sala de aula nos quais ele seja provocado, desafiado; é dar condições para que ele construa, reflita, compreenda e transforme a própria realidade. Isso reflete o papel do professor, pautado no método ativo, como curador e orientador. Para Moran (2015),

Curador, que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e a cada aluno. Ele tem que ser competente intelectualmente, afetivamente e gerencialmente (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas) (Moran, 2015, p. 24).

Em outras palavras, uma das premissas das metodologias ativas de ensino, apresentada anteriormente, é o trabalho do professor como mediador, com foco no aluno como agente protagonista que aprende por meio de suas próprias experiências de vida, ou seja, partindo da sua realidade, por meio da problematização, do questionamento e do fazer pensar.

Nesse viés, o professor como mediador ganha relevância, pois é ele quem pode proporcionar que a aprendizagem escolar seja construída em um processo, embora complexo, equilibrado entre três movimentos ativos:

a construção individual – na qual cada aluno percorre e escolhe seu caminho, ao menos parcialmente; a grupal – na qual o aluno amplia sua aprendizagem por meio de diferentes formas de envolvimento, interação e compartilhamento de saberes, atividades e produções com seus pares, com diferentes grupos, com diferentes níveis de supervisão docente; e a tutorial, em que aprende com a orientação de pessoas mais experientes em diferentes campos e atividades (curadoria, mediação, mentoria) (Bacich & Moran, 2018, p. 42).

Partimos, assim, da concepção de que em todos os níveis a mediação é importante para que o aluno avance profundamente na aprendizagem. Outro aspecto relevante é o movimento ativo do grupo, no qual os alunos interagem e compartilham o que sabem, concordam e discordam sobre as várias questões que podem suscitar, por exemplo, um texto literário apresentado pelo professor em uma aula de Literatura.

Essa visão interacionista coloca o professor como responsável por propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que o conhecimento seja construído, facilitando a aprendizagem. Oliveira (2010), destaca que os docentes precisam ter ciência de que, além de um ambiente afetivo, é preciso dar voz e vez aos estudantes:

[...] o professor que adota essa concepção de aprendizagem passa a ser corresponsável pelo aprendizado do aluno, que é o principal responsável por esse processo. A adoção da visão interacionista implica que o professor entende a aula como um espaço no qual a voz do aluno deve ser ouvida para que ele possa constituir-se como sujeito da sua aprendizagem. Isso conduz o aluno à formação de uma consciência crítica, que o professor precisa fomentar (Oliveira, 2010, p. 29).

Nesse contexto, as interpretações, o entendimento, a atribuição de significados daquilo que não foi dito explicitamente emergem, muitas vezes, por meio de intercâmbios sociais. O aluno está envolvido em um ambiente participativo, que lhe permite ser protagonista e construir junto com os seus pares o conhecimento por meio da utilização da linguagem.

Essa dimensão interativa das atividades humanas figura sobre os postulados de Vigotski e Bakhtin. Ambos defendem que a dialogia é o elemento essencial para compreender e transformar a realidade e, nesse processo, o tempo todo estão o sujeito e o outro. Em outras palavras, os sujeitos se constituem como tais a partir da interação uns com os outros (Bakhtin, 1992). Como produto desse processo, está a consciência e o

conhecimento de mundo. Nesse sentido, a língua resulta do trabalho de seus falantes, sendo contínuo, desenvolvido em diferentes momentos históricos e formações sociais: pais e filhos, parentes, amigos, professores e alunos, todos participando em condição de igualdade. Os processos de interação e de mediação são primordiais no desenvolvimento dos indivíduos e na organização da vida social (Vigotski, 1998).

A mediação, por sua vez, é considerada “como o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (Oliveira, 1997, p.26). Na perspectiva vigotskiana, o elemento intermediário que intervém na relação do sujeito com o meio é sempre o mais experiente. Na ação educativa, consideramos o professor como mediador, como viabilizador de processos de mediação que permitem o aluno a transformar, a dominar e a internalizar conceitos, papéis e funções sociais presentes no meio social.

Com o entendimento do importante papel de mediador colocado em cena pelos docentes, adentramos ao conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) postulado por Vigotski (1989, p.97). A ZDP é a distância entre o nível real de desenvolvimento e o nível de desenvolvimento potencial. Dessa forma, o nível de desenvolvimento real é constituído por funções já internalizadas pelo sujeito. Já o nível de desenvolvimento potencial está caracterizado pelas funções que estariam em estágio de formação, ainda não amadurecidas. Em outras palavras, a zona de desenvolvimento proximal compreende a necessidade de assistência, nesse caso do professor como mediador, para que as funções sejam, de fato, desenvolvidas, num amplo processo de engajamento.

Em suma, a aquisição de conhecimento se dá pela interação do sujeito com o meio. Além de ser ativo, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos por meio das relações com o outro. Essas abordagens conferem à linguagem uma natureza social. No âmbito educativo, passa-se da transmissão de conhecimentos puramente formais para a mediação de aspectos enunciativo-discursivos. Como se pode ver, a aprendizagem por meio da interação social é o ponto central da abordagem vigotskiana, ponto fundamental em práticas pedagógicas à luz do método ativo.

Estimular, intervir, motivar, mediar, animar, enfim, são ações associadas à leitura. São termos que se referem à intervenção da equipe pedagógica (diretores, coordenadores pedagógicos, professores, bibliotecários) encarregados de “apresentar” livros de literatura para as crianças e adolescentes.

Os livros de literatura já estão nas salas de aula e é o professor quem precisa incorporar a prática da leitura de textos literários. E como isso ocorre ou pode ocorrer de forma significativa? Trata-se de propor uma aprendizagem social e afetiva, pois “a leitura compartilhada é a base para a formação de leitores” (Colomer, 2007). A leitura compartilhada permite que os alunos busquem conjuntamente os inúmeros significados que o texto lido permite construir e compartilhem o entusiasmo sobre as descobertas que o texto proporcionou. Um trabalho trilhado por este caminho é muito mais enriquecedor em lugar de perguntar a eles sobre a compreensão ou reação individual em forma de roteiro de leitura para saber a diferença entre autor e narrador, título, personagens principais.

Compartilhar as obras com outras pessoas “torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido de obter o prazer de entender mais e melhor os livros” (Colomer, 2007, p. 143). Nesse contexto, eis a leitura experimentada em sua dimensão socializadora. Esta troca de informações, de opiniões faz com que o aluno se sinta parte de uma comunidade leitora com características mútuas, tornando-se “impossível manter sua dimensão socializadora dentro dos limites de algo separado, quando se fala dos livros na escola” (Colomer, 2007, p.148).

Promover o diálogo e oportunizar a construção de significados de forma conjunta para que os alunos compartilhem sentimentos, experiências sobre o que leram em uma crônica, um poema, um conto é fundamental. Nessa perspectiva, criar condições para a socialização é viabilizar o que se denomina de “sociabilidade literária”. De acordo com Mello et al. (2018, p.15),

A sociabilidade literária vai além de simplesmente afirmar que é positivo quando pessoas se reúnem para falarem sobre livros. [...] O conceito de sociabilidade literária afirma a maneira como o conhecimento sobre textos emerge através dos intercâmbios sociais. Com respeito à organização da sala de aula, isso significa que tal conhecimento não é algo que o professor simplesmente transmite para os estudantes, mas algo que só emerge por meio da utilização da linguagem como um *médium* compartilhado de trocas sociais.

Para atravessar essa ponte, na qual de um lado está o individual e do outro o coletivo, múltiplas estratégias podem ser desenvolvidas para permitir os alunos a atravessá-la, como por exemplo, leitura em duplas, discussões em grupos, clubes de leitura, tertúlias literárias (estratégias que precisam ser assistidas pelos professores). Com isso, o aluno se esforça para entender o texto e dar a sua opinião com clareza. Assim, ocorre a exploração conjunta de significados. A sociabilidade literária está atrelada ao

engajamento e a mediação da leitura precisa ocorrer para que se chegue à recepção no sentido de uma comunidade cultural que sabe interpretar e avaliar.

Proposta de Atividades de Leitura na Perspectiva das Metodologias Ativas de Aprendizagem

Várias são as atividades que podem ser desenvolvidas no trabalho de leitura de textos literários. A seguir, apresentam-se propostas de atividades à luz das metodologias ativas de aprendizagem.

Tais propostas constam de etapas que compõem as estratégias pedagógicas para o aprendizado ativo. Cabe ressaltar que não se trata de um modelo a ser seguido, mas sim de um exemplo, visto que cada professor pode adequar segundo a realidade de cada turma, a fim de se viabilizar a sociabilidade literária nas salas de aulas, mostrando aos alunos caminhos de leitura que poderão ser transpostos para outros textos que lerão ao longo de suas vidas.

Nessa direção, seguem três roteiros que demonstram as etapas das estratégias de leitura. Os roteiros aqui propostos seguem os fundamentos teóricos e metodológicos apresentados anteriormente e são desenvolvidos para uma turma de 3ª série (Ensino Médio). Os textos literários selecionados para promover as práticas de leitura são: “Os ninguéns”, “O medo” e o “A televisão 2”, relatos breves que compõem a obra intitulada “O livro dos abraços”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Neste livro, o autor reflete sobre temas como a política, a religião, a cultura, a arte, a literatura, a sociedade.

Para cada relato, propõe-se uma estratégia de leitura diferente: aprendizagem em espiral, *brainwrinting* e debate dois, quatro e todos.

Antes de iniciar as atividades com os relatos, recomenda-se que o professor introduza as informações básicas sobre o escritor Eduardo Galeano (breve biografia, principais obras e temáticas). Essa contextualização inicial é fundamental para sensibilizar os alunos e despertar o interesse pela obra completa do autor.

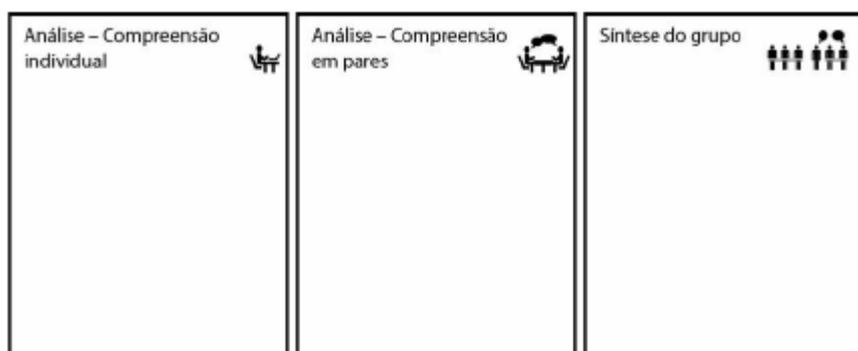
Relato Breve: “Os Ninguéns”

Estratégia de Leitura: Aprendizagem em Espiral

A pergunta que norteará a discussão é: “Quem são os ‘ninguéns’ de que trata o relato?”. Inicialmente, o professor entrega o texto literário selecionado e solicita a leitura. Após, disponibiliza uma ficha (conforme figura 1) com a questão previamente selecionada (o número de questões pode variar conforme a extensão do texto).

Figura 1

Modelo da aprendizagem em espiral.



Fonte: Camargo; Daros (2018)

Após a leitura, o aluno precisa preencher o primeiro quadro “Síntese: leitura individual”, no qual ele registra a sua compreensão. Em seguida, o professor propõe a próxima etapa denominada de “Análise em pares”, na qual os alunos reúnem-se em grupos de três ou quatro para debater as percepções individuais. Cada membro, na sua ficha, precisa registrar outras compreensões, eventualmente, diferentes das suas iniciais. Nesta etapa, objetiva-se o debate sobre diferentes pontos de vista. Por último, o professor solicita que cada grupo sintetize as informações do debate no último quadro, “Síntese do grupo”, e exponha para todos da sala. Nessa última fase, o professor pode realizar as mediações necessárias e aprofundar o conhecimento junto aos alunos.

A figura 2, a seguir, é uma representação gráfica da aprendizagem em espiral.

Figura 2

Representação gráfica da aprendizagem em espiral.



Fonte: Camargo; Daros (2018)

A aprendizagem em espiral possibilita que o aluno expanda os seus horizontes analíticos permitindo o exercício da argumentação a partir de sua interpretação individual, seguida de uma exploração mais profunda com o auxílio dos pares, finalizando com a análise dos grupos e do professor, possibilitando reflexões, conclusões mais consistentes. Trata-se de um estudo colaborativo, visando à sistematização do conhecimento, a ampliação de conceitos, a expressão de opiniões, a comunicação, a análise de assuntos complexos (Camargo; Daros, 2018).

Relato Breve: “A Televisão 2”

Estratégia de Leitura: *Brainwriting*

As perguntas que nortearão a discussão são: “Televisão: fonte cultural ou alienação? Difunde conhecimento ou nos empobrece intelectualmente?” Inicialmente, o professor entrega o texto selecionado e solicita a leitura individual. Após, solicita que os alunos se reúnam em grupos (máximo seis integrantes, sentados em círculo) e entrega a folha da atividade para cada participante (conforme a tabela 1):

Tabela 1*Tabela para a prática do brainwriting*

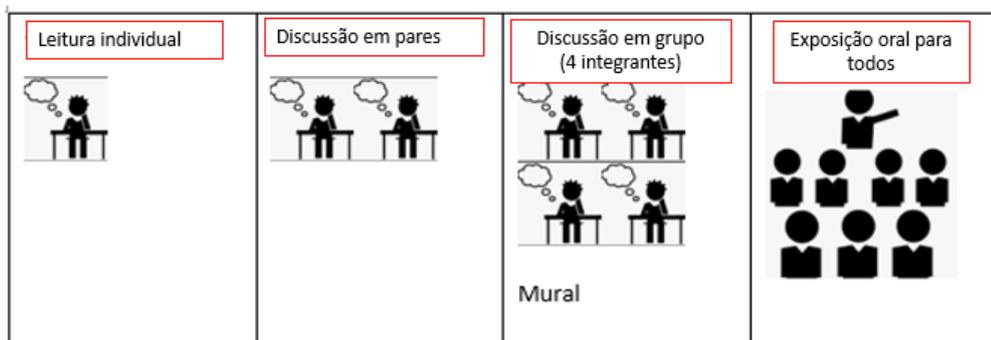
Problema/tema/assunto/desafio			
Sessão	<u>Resposta 1</u>	<u>Resposta 2</u>	<u>Resposta 3</u>
Aluno 1			
Aluno 2			
Aluno 3			

Fonte: Camargo; Daros (2018) (adaptado)

Em seguida, o professor solicita que cada participante coloque até três respostas na folha e que passe para o próximo participante a sua direita, que deve escrever três novas respostas na folha que recebeu do colega (ou complementar as já escritas). Esse processo precisa se repetir até as folhas retornarem ao ponto de onde saíram. Por fim, o grupo precisa discutir e avaliar cada resposta, reunindo-as para serem escritas em um ensaio sobre o tema e apresentado à turma.

Relato Breve: “O Medo”**Estratégia de Leitura: Dois, Quatro e Todos**

As perguntas que nortearão a discussão são: “O que é liberdade? O que ela representa? De que maneira podemos atingi-la?” Inicialmente, o professor entrega o texto selecionado, expõe o seu conteúdo para situar os estudantes no contexto da aula. Após, solicita a leitura individual e a formulação de resposta à questão proposta. Em seguida, os alunos se agrupam em pares, compartilham as suas respostas, escutando-as com atenção, para poder melhorar as respostas individuais pensadas no início da atividade. Na sequência, os alunos precisam formar grupos com quatro integrantes. Novamente, solicita-se que compartilhem as reflexões, confrontem-nas e elaborem uma nova resposta por meio do processo de associação, confrontação e síntese. A última etapa da atividade é a escolha de um representante do grupo para o compartilhamento de todas as reflexões para o grupo todo (conforme Figura 4). Outra sugestão, é a de cada grupo produzir um mural para a exposição das discussões realizadas.

Figura 3*Prática da estratégia dois quatro e todos**Fonte: a autora*

Esta estratégia tem o intuito de ampliar a capacidade de argumentação e a visão de mundo dos estudantes, além de estimular o desenvolvimento das habilidades de comunicação e o pensamento crítico (Camargo; Daros, 2018).

Como pudemos observar, tais estratégias podem resultar em experiências significativas, superando as abordagens centradas no professor, a leitura passiva do texto literário, a passividade do estudante que apenas responde roteiros de leitura. São muitas as estratégias associadas às metodologias ativas com potencial de levar os alunos a assumirem o protagonismo sob a mediação dos professores. Eis, portanto, algumas possibilidades.

Discussão e Resultados

Nas aulas voltadas à leitura literária, é comum observar a recusa dos alunos em ler os textos sugeridos ou por não gostarem de ler ou por acreditarem que os assuntos são alheios aos seus interesses. Valer-se das metodologias ativas para o trabalho com os textos literários pode ser considerada uma iniciativa que resulta em mudanças positivas nas aulas de leitura, entre outras atividades de outras disciplinas.

Durante a realização das atividades pautadas nas estratégias apresentadas anteriormente, foi possível observar um maior envolvimento e interação dos alunos. Por se tratarem de estratégias bem elaboradas, sistematizadas com etapas dinâmicas, os resultados obtidos foram positivos, satisfatórios tanto para os professores, quanto para os alunos, refletidos em expressões como “a aula de hoje foi muito legal”, “vamos repetir,

professora”, “aprendi muito com os meus colegas”. Foram momentos de estudo que fugiram ao modo tradicional de se trabalhar a leitura literária, fato que motivou os alunos e os tornou atores principais do processo.

Com a estratégia denominada “aprendizagem em espiral”, um espaço de registro e de exposição de ideias foi promovido a fim de que não houvesse assimetrias na participação dos alunos no que diz respeito a expressar a opinião (oral e escrita) acerca da temática do relato “Os ninguéns”. Todos puderam compartilhar as suas reflexões igualmente.

Quanto à estratégia *brainwriting*, observou-se uma rica troca de informações, tomadas de decisão e trabalho em equipe para sistematizar e apresentar os resultados das discussões em torno do relato “A televisão 2”. Foi muito interessante observar que não houve julgamento nas respostas apresentadas. Todas foram levadas em consideração no momento da apresentação do resultado final do debate.

Por fim, a estratégia “dois, quatro e todos”, a qual possibilitou troca e confrontação de ideias com mais segurança por parte dos alunos ao trabalharem com o relato “O medo”. Eles puderam refletir, inicialmente, sozinhos e, nas próximas etapas, reformular suas respostas de forma mais complexa considerando a apresentação dos demais colegas da equipe.

Nesse contexto, podemos afirmar que, fundamentadas na concepção pedagógica crítico-reflexiva, as metodologias ativas se baseiam em estratégias que permitem a leitura e a intervenção sobre a realidade, valorizando a construção coletiva do conhecimento, resultando, portanto, numa aprendizagem significativa.

Conclusão

A forma como o professor planeja as suas aulas e as estratégias de ensino utilizadas por ele podem romper com a forma tradicional e mecânica do ensino de literatura. É preciso figurar o verdadeiro valor da arte em palavras, ampliando os horizontes do aluno-leitor, sem cercear a sua criatividade e o seu conhecimento. O espaço para a fruição, para o deleite, para a criticidade precisa ser oportunizado na escola. Para tal, um dos caminhos possíveis são as metodologias ativas de ensino, com as quais a literatura é entendida de forma ampla, visando à formação do leitor para a

compreensão e a significação dos textos lidos, por meio da mediação do professor, que exerce papel fundamental, e da motivação do aluno.

Valer-se dessa estratégia metodológica é trilhar um caminho no qual se faz possível formar um leitor que se aproprie do texto e se torne um leitor crítico, autônomo e humanizado, um leitor que se reconheça como membro ativo de uma comunidade. A leitura literária implica não somente na troca de sentidos entre escritor e leitor, mas também com a sociedade na qual ambos fazem parte.

Neste trabalho, buscou-se apresentar três propostas de leitura de textos literários. As propostas delineadas nos moldes dos pressupostos teóricos mencionados ao longo do trabalho têm como eixo principal a formação do aluno-leitor que vá além da decodificação dos textos, que se aproprie dos textos, que tenha condições de se posicionar diante das obras literárias, que elabore e que expanda os seus sentidos.

As atividades pensadas a partir da obra “O livro dos abraços”, do escritor Eduardo Galeano, só terão sentido se inseridas em um objetivo claro sobre o que ensinar e por que ensinar, pois a escolha de uma ou de outra estratégia de metodologia ativa, dentre as várias existentes, por si só não é a solução, não é garantia de eficácia. As estratégias são exemplos que só se concretizam se fizerem parte de um todo significativo. Além disso, para atingir os resultados pretendidos, o professor precisa ter clara compreensão da estratégia utilizada, muito planejamento e reflexão sobre os seus resultados e sobre os desdobramentos na aprendizagem dos seus alunos.

Enfatiza-se que as atividades são exemplares e não modelares. De acordo com a realidade do público-alvo, o professor tem a liberdade para elaborar as atividades e explorar as estratégias apresentadas com os materiais e da forma que julgue adequados. O importante é empenhar-se e valer-se da criatividade para desenvolver a competência de ler na escola.

Referências

- Bacich, L., & Moran, J. (2021). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: Uma abordagem teórico-prática*. Editora Penso.
- Bakhtin, M. (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Editora Hucitec.
- Camargo, F., & Daros, T. (2018). *A sala de aula inovadora: Estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo*. Editora Penso.
- Colomer, T. (2007). *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. Editora Global.

Freire, P. (2015). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e terra.

Galeano E. (2002). *O livro dos abraços*. Editora L&PM, 2002.

Mello, C. *et al.* (2018). Sociabilidade Literária: Uma perspectiva transnacional e translinguística. Em A. P. Brandileone & V. Oliveira (Orgs.) *Literatura na escola: Contextos e práticas em sala de aula*. Editora Pontes.

Morán, J. (2015). Mudando a educação com metodologias ativas. Em C. A. Souza & O. E. T. Morales (Orgs.). *Educação e cidadania: Aproximações jovens*. Editora PG.

Oliveira, L. A. (2010). *Coisas que todo professor de português precisa saber: A teoria na prática*. Editora Parábola Editorial.

Vygotsky, L. (1998). *Pensamento e Linguagem*. Editora Martins Fontes.